

ENTRE THALIA E MINERVA: UM CONFLITO INTERTEXTUAL

Milton MARQUES JÚNIOR¹
Universidade Federal da Paraíba (UFPB)
marquesjr45@hotmail.com

RESUMO: Este ensaio tem como objetivo mostrar um conflito entre a austeridade e a jocosidade, no poeta Marcial, um conflito que é também intertextual, pois existe um diálogo entre o **Epigrama XX** (*Livro X*) e a **Carta 21** de Plínio, o Jovem (*Livro III*). O mais importante é compreender que este conflito esconde, de fato, uma preocupação de Marcial com a recepção de seus escritos leves por escritores como Plínio e Catão, sempre vistos como homens severos.

PALAVRAS-CHAVE: Marcial. Epigrama. Intertexto. Antítese. Plínio, o Jovem.

ENTRE THALIE ET MINERVE: UM CONFLIT INTERTEXTUEL

RÉSUMÉ: Cet essai a le dessein de montrer un conflit entre l'austérité et la légèreté chez le poète Martial, un conflit qui est aussi intertextuel, car il y a un dialogue entre l'**Épigramme XX** (*Livre X*) et la **Lettre 21** de Pline, le Jeune (*Livre III*). Le plus important c'est comprendre que ce conflit cache, en fait, une préoccupation de Martial avec la réception de ses écrits légers par des écrivains comme Pline et Caton, toujours vus comme des hommes sévères.

MOTS-CLÉS: Martial. Épigramme. Intertexte. Antithèse. Pline, Le Jeune

O poeta Marco Valério Marcial morre por volta de 104 a. D., depois de retornar à sua cidade natal, BÍlbilis, na então Hispania². O escritor Plínio, o Jovem, é quem registra a notícia, numa carta a Cornélio Prisco³. O escritor das *Epistulae* dirige-se ao amigo Prisco, dizendo ter ouvido sobre a morte de Marcial e confessa estar sofrendo com a notícia (*Audio Valerium Martialem decessisse et moleste fero*). Plínio elogia o poeta como homem engenhoso (*homo ingeniosus*), de espírito agudo (*acutus*), penetrante (*acer*), cujo escrever tinha demasiado de sal e de fel (*plurimum in scribendo et salis haberet et fellis*), mas não tinha um mínimo de

¹ Doutor em Letras pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Professor Associado IV da UFPB e Coordenador dos Estudos Clássicos e Literários (GREC).

² Mario Citroni diz que a morte de Marcial, tratada nesta carta de Plínio, não seria posterior ao ano 104 ou 105 (MARZIALE, 2008, volume primo, p. 66).

³ Caius Plinius Caecilius Secundus ou Plinius Minor (61-113). Orador e escritor romano, sobrinho e filho adotivo de Caius Plinius Secundus ou Plinius Maior (23-79), conhecido como Plínio, o Velho, também escritor, que nos legou a *Naturalis Historia*. Plínio, o Jovem foi autor de um *Panegyricus* ao imperador Trajano (53-117), além de ter escrito dez livros de cartas, as *Epistulae*. O texto de Plínio, o Jovem, que utilizamos neste ensaio, encontra-se no Livro III, Carta 21, e foi acessado em <http://www.thelatinlibrary.com/pliny.ep3.html>, no dia 19/03/2016, às 22:41.

candura (*nec candoris minus*). Plínio revela, ainda, que ajudou Marcial com dinheiro, quando de sua viagem de volta à terra natal, não só pela amizade, mas também pelos versos que o poeta compusera em sua homenagem (*dederam hoc amicitiae, dederam etiam versiculis, quos de me composuit*). Cultor da retórica, Plínio faz ao amigo uma pergunta retórica, no sentido de saber se ele queria conhecer os versinhos que Marcial lhe dedicara, copiando, em seguida, um trecho com os dez últimos versos de um dos epigramas do poeta, de que ele, Plínio, é o destinatário. Como nos reportaremos mais adiante a esse epigrama, pois ele será objeto de nossa tradução e análise, terminemos a carta de Plínio ao amigo. Reconhecendo que fora justo ao ajudar o poeta em seu retorno às origens, Plínio diz que Marcial lhe deu o máximo que pôde e teria dado mais se tivesse podido (*Dedit enim mihi, quantum maximum potuit, daturus amplius, si potuisset*), afinal, um homem não pode querer que lhe seja dado mais que a glória, a louvação e a eternidade (*Tametsi, quid homini potest dari maius quam gloria et laus et aeternitas?*). Plínio fecha a sua carta, dizendo que as coisas que Marcial escreveu, no caso, os epigramas, não serão eternos, ainda que ele os tenha escrito como se houvessem de ser (*At non erunt aeterna, quae scripsit; non erunt fortasse, ille tamen scripsit, tamquam essent futura*).

O poema, cujo fragmento, Plínio cita em sua carta ao amigo Prisco, é o **Epigrama XX**, do *Livro X*, este dedicado a Domiciano⁴. Vamos ao poema:

Epigramma XX (XIX)⁵

Nec doctum satis et parum seuerum,
sed non rusticulum tamen libellum
facundo mea Plinio Thalia,
i perfer: brevis est labor peractae
altum uincere tramitem Suburae.
Illic Orphea protinus uidebis

5

⁴ Este *Livro X* dos Epigramas foi publicado, em primeira edição, no ano de 95, dedicado ao imperador Domiciano (51-96). Foi reeditado em 98, dois anos depois da morte de Domiciano e com epigramas louvando a chegada do novo imperador a Roma, no caso Trajano. É esta edição que sobrevive e chega até nós (v. Mario Citroni, in MARZIALE, 2008, p. 51, e PARRELA, 1945, p.10). Étienne Wolff fala do mesmo assunto e diz que Marcial suprimiu do Livro X parte da adulação a Domiciano (WOLFF, 2008, p. 28).

⁵ O texto aqui utilizado está de acordo com a edição crítica da *Les Belles Lettres* (1961), estabelecido por H. J. Izaac, que consta da bibliografia. O texto foi cotejado com a edição crítica estabelecida por V. Heraeus e editada por D. R. Shackleton Bailey, de 1990, republicada em 2006. Como há discordâncias entre as várias lições filológicas de estabelecimento de texto, este epigrama pode ser o XX ou XIX, a depender da edição.

udi uertice lubricum theatri
 mirantisque feras auemque regis,
 raptum quae Phryga pertulit Tonanti;
 illic parua tui domus Pedonis 10
 caelata est aquilae minore pinna.
 Sed ne tempore non tuo disertam
 pulses ebria ianuam uideto:
 totos dat tetricae dies Minervae,
 dum centum studet auribus uirorum 15
 hoc quod saecula posterique possint
 Arpinis quoque comparare chartis.
 Seras tutior ibis ad lucernas:
 haec hora est tua, cum furit Lyaeus,
 cum regnat rosa, cum madent capilli: 20
 tunc me uel rigidi legant Catones.

A tradução que nós propomos é a seguinte⁶:

Epigrama XX (XIX)

Nem douto o suficiente e muito pouco severo
 mas não grosseiro, no entanto, o livrinho
 ao eloquente Plínio, minha Thalia,
 vai, leva de um ponto a outro: é trabalho breve 5
 vencer o alto caminho da transposta Suburra.
 Ali verás imediatamente um Orfeu
 lúbrico, no vértice do teatro
 e feras admiráveis e a ave do rei,
 que levou o Frígio ao Tonante;
 Ali está a pequena casa de teu Pedão,⁷ 10
 esculpida de uma águia de asa menor.
 Mas cuida para que, em tempo não oportuno,
 ébria, não batas a esta porta eloquente:
 ele dedica os dias inteiros à severa Minerva,
 enquanto prepara para as orelhas dos Centúviro⁸ 15
 aquilo que os séculos e os pósteros possam
 comparar até mesmo às cartas Arpinas.
 Irás mais segura às lâmpadas tardias:
 esta é a tua hora, quando Lieu está em delírio,
 quando reina a rosa, quando os cabelos estão impregnados: 20
 Então, que me leiam mesmo os rígidos Catões.

⁶ Trata-se de tradução operacional, o mais próxima possível ao texto latino, de modo a entender o que se encontra na língua original, que pode, com segurança, embasar a nossa análise. Não somos poeta e não temos a menor pretensão de realizar uma tradução poética do texto de Marcial.

⁷ Albinovanus Pedo, poeta latino da época de Augusto, século I a. C., que, para Marcial, era um dos modelos de linguagem epigramática (v. Prólogo ou Epístola introdutória do *Livro D*).

⁸ Os Centúviro, compunham ao tempo de Plínio, um tribunal com 180 membros, para julgamento de assuntos privados, sobretudo os de herança (GAFFIOT).

Desde o seu primeiro livro de epigramas de temas variados⁹, o poeta Marcial nos adverte sobre a natureza de sua poesia. Seja através da epístola introdutória ao *Livro I* (*Epigrammaton Liber I*), seja através de seus poemas, momento em que ele se define e pende para a jocosidade, para a facécia. Quem for, portanto, ao encontro de sua poesia saberá de antemão o que vai encontrar: seus epigramas foram escritos para aqueles que costumam assistir às festas de Flora, numa alusão às brincadeiras licenciosas que ocorriam durante as *Floralia* (6. *Epigrammata illis scribuntur qui solent spectare Florales*).¹⁰ Se algum Catão for procurar, portanto, seu teatro, no caso seu livro, que o veja/leia (7. *Non intret Cato theatrum meum, aut si intrauerit, spectet*). O prólogo se fecha com uma quadra epigramática, em que Marcial retoma uma anedota de Valério Máximo, a respeito de Catão:

Nosses iocosae dulce cum sacrum Florae
festosque lusus et licentiam uolgi,
cur in theatrum, Cato seuere, uenisti?¹¹
an ideo tantum ueneras, ut exires?

Como conhecera o doce culto à jocosa Flora
E as diversões festivas e a liberdade sem freio do vulgo,
Porque vieste, Catão severo, ao teatro?
Ou somente vieras por esta razão, para que saíesses?

Em um único texto, um texto inicial sobre a natureza de sua poesia, Marcial cita duas vezes Catão, um dos exemplos de moralidade e austeridade da Roma antiga. As referências,

⁹ Este primeiro livro é do ano 85 ou 86 e nele existem 118 epigramas, além de uma epístola inicial, que serve de prólogo. Os temas são variados ligados pela substância comum da ironia, do sarcasmo e da crítica, contando por vezes com epigramas de temática sexual. Antes desse Livro I, Marcial publicou o *Livros dos Espetáculos* (*Epigrammaton Liber*, publicado em 80, depois batizado como *Liber de Spectaculis* ou *Liber Spectaculorum*), sobre a inauguração do anfiteatro Flávio, o posterior Coliseu, e os livros *Xenia* (entre 83 e 85), hoje Livro XIII, e *Apophoreta* (entre 83 e 85), hoje livro XIV, com temas que dizem respeito às *Saturnalia*.

¹⁰ As *Floralia* ocorriam entre os dias 28 de abril e 03 de maio, numa homenagem a Flora, deusa das Flores, cujos domínios, segundo Ovídio, compreendiam não as florestas, mas os jardins e os campos interditos aos animais agressivos (*Fastos*, Livro V, versos 373-374). Eram apresentados espetáculos licenciosos, admitindo a presença de mulheres em cena. Em geral, terminavam-se os espetáculos com a apresentação de uma cena de nudez, a *nudatio mimarum*. É interessante observar, ainda, que Marcial morava na parte sul do Quirinal, próximo ao templo de Flora (v. epigrama XXII do Livro V e a nota 13).

¹¹ Anedota sobre Catão de Útica, o Jovem (Marco Pórcio Catão Uticense, 95-46 a. C.), contada por Valério Máximo (II, 10, 8, v. nota 3, p. 144-145, de Elena Merli, em MARZIALI, Epigrammi, 2008). No texto de Valério Máximo, *Feitos e dito memoráveis* (*Facta et dicta memorabilia*), o autor diz que estando Catão presente aos espetáculos patrocinados pelo amigo Messius, o público ficou constrangido de pedir o desnudamento. Catão, então, saiu do teatro, para que todos ficassem à vontade. À sua saída, o público o aplaudiu com entusiasmo.

contudo, são provocativas, tendo em vista que o conteúdo dos espetáculos no momento das *Floralia* não deveria ser desconhecido de Catão. O poeta Ovídio, nos *Fastos*, Livro IV, verso 947, e Livro V, versos 195-377 trata das origens das *Floralia*. Ovídio lembra que Flora não é uma deusa austera, mas uma divindade cujos dons estão ao serviço do prazer (*Sed mihi succurrit numen non esse seuerum/Aptaque deliciis munera ferre deam*, Livro V, versos 333-334), além disso, são os espetáculos leves que lhe convêm, não devendo ela ser elencada entre as divindades que calçam coturno (*Scaena leuis decet hanc: non est, mihi credite, nos est/Illa cothurnatas inter habendas deas*, versos 347-348), numa alusão à poesia trágica. As *Floralia* são populares por decisão da deusa que não quer fazer parte das deusas severas, mas abrir as portas de seus ritos sagrados ao coro plebeu (*Non est de tetricis, non est de magna professis:/Vult sua plebeio sacra patere choro*, verso 352)¹².

A advertência quanto à leitura de seus poemas, portanto, uma vez feita, serve a que alguém de caráter severo opte por não abrir o seu livro de epigramas. Em abrindo, deve ser lido. É a premissa para a conclusão da quadra que fecha o texto. A crítica e a ironia atuam como *pointe*, a ponta que espicaça, característica substancial do epigrama. Marcial não deixa de levantar a suspeita de uma moralidade que deseja mais ser vista do que realizada. É possível que Catão tivesse ido ao teatro, apenas para que o vissem sair dali, no momento exato que a moral que defendia estava prestes a abandonar o local. Em suma, o epigrama final, que fecha o prólogo do Livro I, não deixa de lado a possibilidade de ironizar sobre uma possível hipocrisia.

Marcial faz questão, no entanto, de frisar que se muitos de seus versos são discutíveis do ponto, de vista da moralidade, o que poderia motivar censuras e ao mesmo tempo jocosidades novas, sua vida é proba (*Innocuos censura potest permittere lusus:/ lasciu est nobis pagina, uita proba*, Livro I, **Epigrama IV**, verso 8).

¹² Observe-se aqui o mesmo emprego por Ovídio e Marcial do adjetivo *tetricus* (*taetricus*), *-a*, *-um*, sempre com o sentido de severo, austero, sombrio.

Com relação ao **Epigrama XX**, objeto de nosso ensaio, a situação é diferente. Não se trata de um paladino da moral que vai ao teatro ou vai em busca de seu livro, mas do seu livro que é enviado a um homem austero e estudioso das coisas sérias, no caso Plínio, o Jovem. A salvaguarda, no entanto, é que seu livro deve ser conduzido pela Musa Thalia, convocada pelo poeta para essa empresa. Não será difícil chegar à casa de Plínio, tal é a maneira como o poeta descreve os pontos de referência, a partir da travessia da Suburra¹³, a mal afamada Suburra, o mais célebre bairro popular de Roma, mas onde se encontravam os comércios dos livreiros, em torno do Argileto, e as *Horrea Chartaria*, as lojas gerais de papiro e pergaminho, já prontos para a escritura, como diz Filippo Coarelli (COARELLI, 2011, p. 226). A dificuldade reside em entregar-lhe um livro que não se destaca por ser douto ou por ser severo, mesmo que não seja ele desprovido de refinamento.

A Thalia¹⁴ citada no **Epigrama XX** é uma das nove musas filhas de Zeus e de Mnemósine, a Memória, cuja primeira representação literária no mundo ocidental se encontra na *Teogonia* de Hesíodo (versos 75-79). É o momento em que Hesíodo faz uma descrição/narração, de modo a apresentar o coro das Musas, que deve fazer as honras devidas ao pai, como a divindade mais poderosa, portadora da égide e vencedora dos Titãs e de Tifeu, na luta gloriosa para o estabelecimento da harmonia do universo. Tradicionalmente, Thalia é vista como a Musa que preside a comédia e a poesia leve, conceito que se contrapõe a toda

¹³ Plínio morava no Esquilino, vizinho a uma fonte com uma estátua de Orfeu (Simone Beta, in MARZIALE, 2011, p. 943; Giuseppe Norcio, in MARZIALE, 2014, nota 2, p. 627). A Suburra deveria ser atravessada para poder chegar a sua casa. A Suburra, conforme nos ensina Elena Merli, “era um bairro popular e bastante mal afamado com muito tráfego e comércio, em pleno centro de Roma, entre a encosta oeste do Esquilino e a sul do Viminal, estendendo-se ao longo do *clivo Suburrano* e terminando na Porta Esquilina (MARZIALE, 2008, nota 29, p. 242). Elena Merli ainda comenta (id. *ibid.*, nota 38, p. 449): “Marcial habitava a parte sul do Quirinal, onde se encontravam o templo de Flora e o templo de Jove denominado *Capitolium uetus*. O clivo *Suburrano* atravessava o popular e caótico bairro da Suburra e subia ao longo da encosta oeste do Esquilino”. Sabe-se ainda que, além de centro de comércio, a Suburra era um vale entre o Viminal e o Esquilino, muito barulhento e zona de prostituição (THE OXFORD CLASSIC DICTIONARY, p. 1451). O **Epigrama LXVI** do *Livro VI* fala de uma moça de pouca boa fama, como as que habitam a Suburra (*Famae non nimium bonae puellam, quales in media sedent Subura*, versos 1-2). Já no **Epigrama XVIII** do *Livro XII*, Marcial se refere à *clamosa Subura*, a Suburra barulhenta (verso 2).

¹⁴ Existem ainda mais duas Thalías. Uma é a nereida, divindade marinha, filha de Nereu e Dóris, embora não conste na lista das cinquenta Nereidas elencadas por Hesíodo (*Teogonia*, versos 240-264); a outra é uma das Graças, filha de Zeus e de Eurínome, esta referida por Hesíodo na *Teogonia* (versos 907-909).

poesia que não é épica ou trágica, conforme já vimos, mais acima, na apresentação de Flora por Ovídio (são muitos os poemas de Marcial, em que o autor desmerece o mito, contrapondo-o à realidade, como se pode ver, por exemplo, no **Epigrama L**, do *Livro IX*). A expressão poesia ligeira ou leve refere-se, sobretudo, a uma poesia de diversão, não de reflexão, embora ela possa designar também a poesia lírica, expressando os conflitos emocionais. Etimologicamente, Thalia significa *florescente*, pois proveniente do verbo *qa//w*, florescer, em grego. Daí a significação de abundante, e a sua associação aos banquetes, aos festins, à festa e à alegria. Levar o seu livrinho (*libellum*)¹⁵ a Plínio, tendo como intermediária a Musa, parece ao poeta um meio de driblar a severidade do destinatário e a pouca severidade do presente. É nítido o quanto o poeta se utiliza de um portador, de cuja intimidade ele priva (*mea Thalia*), para levar o dom ofertado a quem lhe parece inalcançável pela austeridade (*facundo Plinio*), pois alguém versado na eloquência, na oratória, não iria, *a priori*, interessar-se por um livrinho (*libellum*), cujo conteúdo – a jocosidade – o torna não suficientemente douto (*nec doctum satis*) e pouco sério (*parum seuerum*). Bagatelas, enfim, como Marcial costumava definir seus versos. Abre-se, assim, uma das possibilidades de leitura desse epigrama, que é a recepção, uma preocupação de Marcial, assunto ao qual retornaremos mais adiante.

A intimidade com a Musa não se reduz ao fato do emprego do possessivo (*mea*), de uso tão restrito no latim. Encontra-se no imperativo do verbo ir (*i*) ou no fato de que Thalia pode encontrar-se ébria (*ebria*), a que se associa o delírio de Lieu (*cum furit Lyaeus*), um dos muitos nomes do deus Baco Dionisos; encontra-se também no fato de que a noite é o horário propício e convidativo para a festa e para a desmedida, quando chovem rosas nos banquetes, conforme diz Ovídio¹⁶; quando os cabelos se impregnam de perfume (*cum madent capilli*),

¹⁵ Marcial costuma chamar seus livros de *libellus*, livrinho, e seus poemas de *nugae*, bagatelas. A primeira referência a seus versos como *nugae* aparece no **Epigrama CXIII**, do *Livro I*.

¹⁶ *Accidere in mensas ut rosa missa solet* (*Fastos*, Livro V, verso 360).

numa alusão muito plausível às prostitutas, por causa da referência ao mal afamado bairro da Suburra.

A intimidade que o remetente-poeta tem com o tema e a geografia próxima de onde mora o destinatário é tão estreita, quanto ele se mostra distante dos hábitos severos deste, o que cria um conflito, expresso na antítese entre severidade e licenciosidade. Uma das advertências que o poeta faz à Musa é no sentido de não bater inoportunamente à porta de Plínio, pois ele passa os dias dedicado a escrever os discursos que hão de ficar nos ouvidos dos homens atuais (*auribus uirorum*) e dos pósteros (*posteris*), durante os séculos (*saecula*). Discursos que rivalizarão com os de Cícero (*chartis Arpinis*)¹⁷. É interessante notar como Plínio, em sua carta noticiando a morte de Marcial, dialoga com este **Epigrama XX** não só porque reproduz-lhe um trecho (versos 12-21), como já observamos, mas sobretudo pelo final de sua carta, em que ele diz que as coisas que Marcial escreveu não serão eternas, embora ele as escrevera como se houvessem de ser (*At non erunt aeterna, quae scripsit; non erunt fortasse, ille tamen scripsit, tamquam essent futura*). Se o poeta faz concessão ao facundo Plínio, a ponto de colocar seus escritos como emuladores dos de Cícero, Plínio não lhe retribui a gentileza, nem mostra a mesma indulgência. Eis aí um conflito intertextual entre Marcial e Plínio, configurado na antítese entre a efemeridade da poesia leve e a perenidade dos discursos dos tribunais.

Retornando, contudo, às advertências feitas pelo poeta a Thalia, podemos constatar a antítese entre dia e noite, momento inoportuno e momento oportuno. Os dias são consagrados a Minerva, a severa deusa da guerra, da inteligência e das artes; a noite é consagrada às festividades de Thalia, tendo como um dos promotores o deus Baco/Lieu, cuja associação ao vinho e ao delírio nos leva à já referida ebriez da Musa (verso 13). É nesse momento que entra em cena a mudança. Se a entrega dos versos pouco severos acontecer no momento oportuno,

¹⁷ Trata-se de uma referência aos discursos de *Marcus Tullius Cicero* (106-43 a. C.), que nasceu em Arpinum, cidade dos Volscos.

até os rígidos Catões poderão ler seu livro. Catão revela-se como metonímia de uma austeridade que pode ser quebrada se o presente for dado no momento certo. A antítese, assim, percorre da denotação (Marcial x Plínio; dia x noite) à conotação proporcionada pela metonímia (Thalia x Minerva; Lieu x Catões), chegando a um bem construído quiasmo *Thalia: Lieu :: Minerva: Catões*, em uma representação do mais palpável para o mais simbólico, de modo a revelar aquilo que é a espinha dorsal do poema, a oposição entre severidade e licenciosidade.

Este conflito intertextual que põe lado a lado Plínio/Catão e Marcial é, no entanto, um conflito apenas aparente, pois sendo dois modos de ver a mesma realidade, chama as pessoas à realidade. De um lado, a seriedade dos rígidos preceitos morais, exigindo da sociedade uma postura austera, condizente com uma determinada concepção de atitudes que devem servir de modelo. Do outro lado, a jocosidade e a ironia, que procuram também dar uma lição, mostrando a face da sociedade que se quer ignorar. Atravessando este conflito, temos uma questão importante, presente na poética de Marcial: a recepção de seus *nugae*, de seus *libelli*, mas que para ele não eram apenas isto, evidentemente. Marcial, como todo escritor, pretende ficar, sobretudo quando ele já viu esta permanência em vida, como demonstram vários de seus poemas. A primeira referência, ao tamanho do livro e, portanto, à maior facilidade de recepção, encontra-se no **Epigrama II**, do *Livro I*, poema em que Marcial também ensina aos que desejam adquirir o seu livro o lugar onde eles se vendem. A recepção, pois, tem amplas faces para o poeta, que vão do tamanho ao local onde se vendem seus livros, passando pela inquietação referente à maneira como eles serão recebidos pelos leitores. Vejamos o

Epigrama II:

Epigramma II, Liber I Martialis

Qui tecum cupis esse meos ubicumque libellos
et comites longae quaeris habere uiae,
hos eme, quos artat breuibus membrana tabellis:

scrinia da magnis, me manus una capit.
Ne tamen ignores ubi sim uenalis et erres 5
urbe uagus tota, me duce certus eris:
libertum docti Lucensis quaere Secundum
limina post Pacis Palladiumque forum.

Epigrama II, Livro I de Marcial

Tu que desejas meus livrinhos estarem contigo em qualquer lugar
e procuras ter companheiros de longa viagem,
compra estes, que o pergaminho condensa em pequenas tabuinhas:
concede os escrínios aos grandes livros, uma única mão me encerra.
No entanto, para que não ignores onde eu esteja à venda e não erres 5
vagabundo por toda a cidade, eu sendo o guia, estarás seguro:
procura Segundo, o liberto do douto Lucense
após os limiars da Paz e o Forum de Palas.

Para finalizarmos, vejamos, ainda, o epigrama abaixo:

Epigramma LX (LXI), Liber VI

Laudat, amat, cantat nostros mea Roma libellos,
meque sinus omnes, me manus omnis habet.¹⁸
Ecce rubet quidam, pallet, stupet, oscitat, odit.
Hoc uolo: nunc nobis carmina nostra placent.

Epigrama LX (LXI), Livro VI

Minha Roma louva, ama, celebra os nossos livrinhos,
e todas as dobras, toda mão me tem.
Eis que um qualquer enrubesce, empalidece, admira-se, boceja, odeia.
Quero isto: agora nossos poemas nos agradam.

A questão central para Marcial é se ele permanecerá apenas como um poeta da chamada poesia leve ou como o poeta que conheceu e refletiu sobre o seu tempo, utilizando como instrumento a ironia, essa arma letal que demole qualquer moralismo. Ao mesmo tempo que discute a recepção e revela certo temor pelo modo como ela poderá ser recebida por homens austeros como Plínio, Marcial nos dá a conhecer a essência da sua poesia como sendo capaz de provocar várias e contraditórias reações em muitas pessoas, tendo em vista a facilidade com que seus livros podem ser carregados. Nem o heroísmo da épica, nem o

¹⁸ *Sinus*, é a curva, a dobra, a sinuosidade; aqui trata-se da dobra da toga, que, eventualmente transformava-se em bolso. Como seus livros eram pequenos e, ao que tudo indica, em formato de *codex*, não de *uolumen*, eles cabiam na dobra da toga dos admiradores do poeta. Étienne Wolff se refere ao fato dizendo que se deve observar a importância do **Epigrama 2**, do *Livro I*, para a história do livro, além de outros epigramas do *Livro XIV*, como primeiro testemunho da aparição do *codex*, em relação ao *uolumen* (WOLFF, 2008, p.74). Incluímos também este **Epigrama LX (LXI)**, do *Livro VI*.

sofrimento da tragédia, nem a emoção confessional da lírica, mas as verdadeiras emoções que surgem do contato com as coisas miúdas da vida real e mundana. Minerva e Thalia se digladiam diariamente nas nossas vidas e só a poesia é capaz de perceber isto. Não uma poesia qualquer, mas aquela que procura esmiuçar o cotidiano. Quando Plínio comenta, no final de sua carta a Prisco, que os epigramas de Marcial não serão eternos, embora ele, o poeta, para a eternidade os escrevesse, faltou ao respeitado orador e político a argúcia para vislumbrar o valor dos poemas de Marcial, que haveriam de ficar, como ficaram, para a posteridade. Em contrapartida, como se sabe, os discursos de Plínio, o Jovem, não chegaram até nós, foram consumidos pela voragem do tempo. Esta ironia se deveria à recepção ou a simples capricho do tempo?

Referências

COARELLI, F. *Roma*. 3. ed. Roma: Laterza, 2011.

GAFFIOT, F. *Le grand Gaffiot: dictionnaire latin-français*. 3. éd. revue et augmentée sous la direction de Pierre Flobert. Paris: Hechette, 2000.

HESÍODO. *Teogonia: a origem dos deuses; estudo e tradução de Jaa Torrano*. 4. ed. São Paulo: Iluminuras, 2001.

MARTIAL. *Épigrammes*; texte établi et traduit par H. J. Izaac. 2e. éd. Paris, Les Belles Lettres, 1961 (3 vol.).

MARTIALIS. *Epigrammata*; edidit D. R. Shackleton Bailey post V. Heraeum. Editio stereotype editionis primae (MCMXC). Monachii et Lipsiae in Aedibus K. G. Saur MMVI.

MARZIALE. *Epigrammi*; a cura de Giuseppe Norcio. Testo latino a fronte. Novara: UTET, 2014.

MARZIALE. *Epigrammi*; a cura di Simone Beta. Testo originale a fronte. Milano: Oscar Mondadori, 2011.

MARZIALE. *Epigrammi*; saggio introdutivo e introduzione di Mario Citroni; traduzione di Mario Scàndola, note de Elena Merli. Testo latino a fronte. 3. ed. Milano: BUR Classici Greci Latini, 2008 (2 vol.).

OVIDE. *Les fastes*; texte établi, traduit e commenté par Robert Schilling. Paris: Les Belles Lettres, 2003 (tome II).

PARRELLA, P. *La vita letteraria di Roma negli epigrammi di Marziale*. Napoli: A. Morano Editore, 1945.

PLÍNIO. *Carta 21* in: *Livro III*. <http://www.thelatinlibrary.com/pliny.ep3.html>.

THE OXFORD CLASSICAL DICTIONARY: the ultimate reference work on the classical world; edited by Simon Hornblower and Antony Spawforth, 3. ed. New York: Oxford University Press, 2003.

WOLFF, É. *Martial ou l'apogée de l'épigramme*. Rennes: Presses Universitaires de Rennes, 2008.